

CARTA
DE
PARIS

QUARTA BIENAL DE PARIS

Em cada arte o talento exige uma linguagem perfeita

«... de copas, de
cões líricas», de «novas figura-
ções», dos já velhos «informa-
lismos» ou das recém-lançadas
«figurações narrativas»?

Ou de uma dificuldade cres-
cente de definir o que é pin-
tura, o que é belo, o que é ta-
lento, ou mesmo, e mais sim-
plesmente, de definir o que o
não é?

Será verdadeiramente que a
crítica não encontrou nos sa-
lões do Museu de Arte Moderna
da cidade de Paris, entre os
mil artistas e os sessenta pa-
íses, aqueles sólidos talentos
que já catalogou nas gerações
de quarenta, de cinquenta, e
que é tão fácil — agora — indi-
car entre os mais antigos?

E, contudo, submergidos en-
tre muita coisa má, muita coi-
sa já vista, muita coisa medio-
cre, eles lá estão, os talentos,
os que levam um pouco mais
longe e de maneira bem pessoal
a aventura de criar formas.
Alguns foram até mesmo jus-
tamente premiados, o que não
era assim tão vulgar nos tem-
pos de antigamente.

AS CARACTERÍSTICAS DA BIENAL

Três características funda-
mentais individualizam esta
Bienal e lhe dão um carácter
novo não só em relação às pre-
cedentes mas também em rela-
ção às bienais estrangeiras de
mais renome — Veneza, São
Paulo, Lubliana e Lausana.

Em primeiro lugar, é uma
Bienal múltipla. A fórmula
clássica é a da exposição de
pintura, escultura, gravura, de-
senho, às vezes de maquetas de
arquitectura. A Bienal de Paris,
além de manter todas estas
disciplinas, abre as suas portas
à poesia, à literatura, ao teatro
ao cinema, a colóquios, a um
serviço de pesquisa, à dança, ao
mimo, à música, à televisão.
Todos os dias, a partir das doze
horas e até às onze da noite,
as manifestações sucedem-se.
E verifica-se este facto curio-
so: na pequena sala do Teatro
de Ensayo (cento e vinte e cinco
lugares, mas quase sempre com
trezentas pessoas), os públicos
vão-se sucedendo, de discipli-
na para disciplina, e a cada
dia que passa vai sendo mais
difícil encontrar um lugar,
mesmo de pé, o que é uma in-

E curioso notar como a crí-
tica parisiense acolheu esta
Quarta Bienal e comparar os
adjectivos que reservou aque-
les que ainda não há muitos
anos (cinquenta, setenta?) os
seus confrades aplicaram a cer-
tos salões de pintura ditos es-
candalosos. Os tempos muda-
ram, contudo, pois que o co-
mum mortal está acostumado a
todos os escândalos e a todas
as provocações e o seu coração

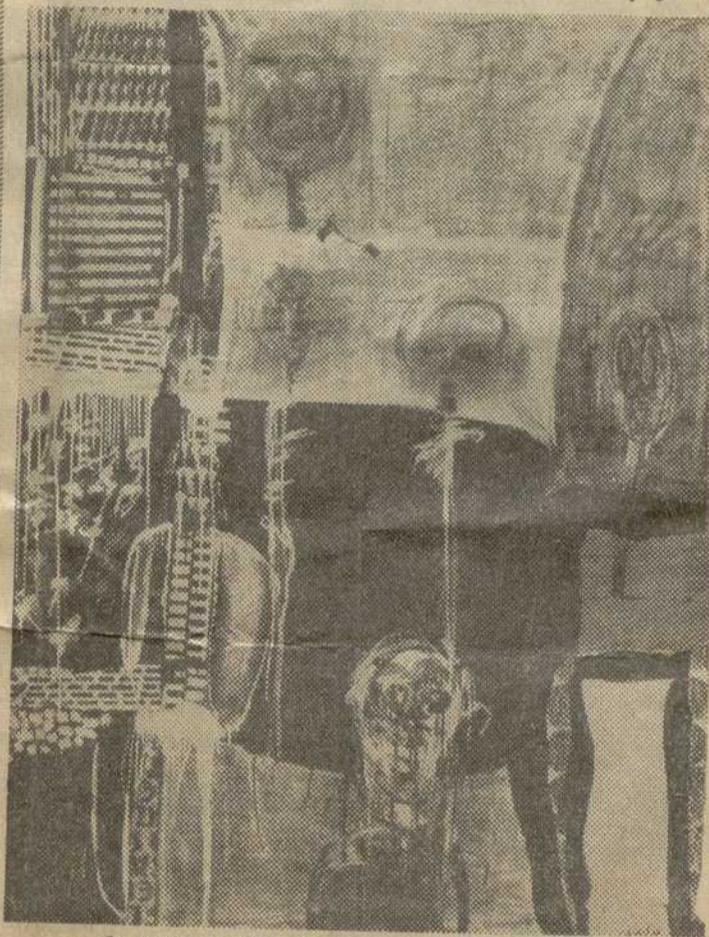
Outros, mais avisados, do-
seiam sábiamente algumas re-
ferências a obras passáveis com

POR

EGÍDIO ÁLVARO

bem interessantes e mal inten-
cionadas estocadas, tudo isto

(Continua na 16.ª página)



CLAUDE VEDEL, francês, premiado — ROSTOS

resiste bem a muitos «sustos»
Por isso os críticos já não
usam uma «indignada violên-
cia», antes lançam mão do
comentário frio, da ironia, do
sarcasmo temperado.

«Que salvar destas salas em
que a arte parece ter-se refu-
giado na tecnologia sem alma
ou nas imagens agressivas»,
pergunta um, acrescentando:
«A pintura nas suas implica-
ções individuais românticas, a
que transpõe uma emoção pes-
sada no jogo fluido do pincel,
parece ter esgotado a imagina-
ção».

Outro, comentando os gru-
pos de meninas, «pensionatos
inteiros», que encontrou nas
salas da Bienal (e esquecendo
olimpicamente tudo o resto),
diz: «Sente-se surgir uma ge-
ração perfeitamente lúcida
muito sabedora, que olhará a
arte mais ousada como pão
caseiro. Primas já, estas meni-
nas, das americanazinhas que
Mary McCarthy tem o génio
selam sábiamente algumas re-
de fazer perorar sem fim».

ribu-
anças

estas
obra
nada
e Ar-
deál-

ringa,
consa-
Carr

Obras em

— Livros
de lançar o
«Lisboa Pom-
gusto França
da «História
tala», de Bert

— A «Bert
ciculo n.º 1

(Continua